



Dissonância

revista de teoria crítica

ISSN: 2594-5025

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Universidade Estadual de Campinas

www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/teoriacritica

Título	A 'Ideologia alemã' não é um livro: Conversa sobre a nova edição dos manuscritos da Ideologia alemã
Entrevistados	Ulrich Pagel; Gerald Hubmann
Entrevistador	Olavo Ximenes
Fonte	<i>Dissonância: Revista de Teoria Crítica</i> , volume 6, Campinas, 2022
Link	https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/teoriacritica/article/view/4435

Formato de citação sugerido:

HUBMANN, Gerald; PAGEL, Ulrich. A 'Ideologia alemã' não é um livro" : Conversa sobre a nova edição dos manuscritos da Ideologia alemã. Entrevista feita por Olavo Ximenes *Dissonância: Revista de Teoria Crítica*, volume 6, Campinas, 2022, p. 28-56.

“A ‘IDEOLOGIA ALEMÃ’ NÃO É UM LIVRO”

Conversa sobre a nova edição dos manuscritos da Ideologia alemã

Uma entrevista com Gerald Hubmann e
Ulrich Pagel

por Olavo Ximenes*

Olavo Ximenes: O que há de novo? O que podemos encontrar no novo volume I/5 da MEGA-2¹ dedicado aos textos da “Ideologia alemã”?

Dr. Hubmann: “A Ideologia alemã” não é exatamente um livro, mas trata-se antes de manuscritos fragmentários, sobre os quais não sabemos muitas coisas.

*Aproveito para agradecer a bolsa de pesquisa no exterior da FAPESP (processo no. 2019/06615-3), durante essa bolsa pude conduzir essa entrevista. Gostaria também de agradecer o convênio FAPESP/CAPES pela bolsa no país (processo no. 2017/01178-9). Por último, agradeço a primeira leitura do professor Rodnei Nascimento.

1 MARX, K.; ENGELS, F. *Deutsche Ideologie: Manuskripte und Drucke*. (Karl Marx, Friedrich Engels Gesamtausgabe – MEGA-2 – I/5). Edição de Ulrich Pagel, Gerald Hubmann, Christine Weckwerth. Berlin/Boston: De Gruyter, 2017. [Todas as notas são de autoria do entrevistador. Além disso, em vistas de facilitar a leitura, como será notado, em alguns momentos o entrevistador subdividiu a entrevista de acordo com os temas elaborados pelos entrevistados].

Dr. Pagel: Eu começaria primeiro com alguns fatos sobre “o que há de novo”. Trata-se da primeira edição completa dos manuscritos preservados da “Ideologia alemã”, produzida a partir dos manuscritos originais. Isso também se relaciona ao fato de que a conversa sobre a “Ideologia alemã” como uma obra (*Werk*) só surgiu muito depois da morte de Marx e Engels. Há algumas poucas indicações na obra deles nas quais eles falam de uma obra chamada “Ideologia alemã”. Há um título de uma obra, que, no entanto, não está nos manuscritos mesmos, mas surge de uma declaração de Marx publicada em dois jornais diferentes. A partir desta informação, no começo do século XX, começou-se a vasculhar o espólio literário para saber então onde estaria essa obra “Ideologia alemã”; e reuniu-se, assim, do espólio aquilo que seria possível correlacionar sob esse título. E tentou-se desse modo preencher essa obra – aquilo que Marx nomeara com um título – com um conteúdo. Nós escolhemos um outro caminho. Não partimos do título para chegar ao espólio, mas antes nós começamos pelo espólio e observamos o que havia de materiais. Nós tentamos editar os materiais como eles de fato foram deixados por Marx e Engels. Deve-se reforçar que a edição na segunda MEGA é a primeira edição que foi feita a partir do que foi transmitido e tal como o material se encontra no espólio de Marx e Engels. Essa edição, precisamente, não tentou reconstruir uma obra a partir do espólio, algo que nunca se deu nessa forma. A isso se relaciona, deve-se dizer, a pergunta sobre o caráter de “obra”, que repetidamente chega até nós: “podemos ainda falar da ‘Ideologia alemã’ como se fosse uma obra?”. O que torna essa pergunta tão difícil de responder é o fato de que Marx e Engels

trabalharam na “Ideologia alemã” durante um longíssimo período, isto é, do outono de 1845 a meados de 1847, e que se tentou naquela época publicar os manuscritos de algumas formas: primeiro, no formato de uma revista trimestral e, após o fracasso desse projeto, também sob diferentes arranjos de publicação, e, por fim, provavelmente como uma publicação em volume duplo ou até mesmo como uma publicação em volume único. Por isso, olhando retrospectivamente não se pode falar de uma obra “A ideologia alemã” ou é difícil falar disso, porque, de acordo com o momento histórico, havia uma compilação diferente desses manuscritos. Ainda sobre a pergunta “o que há de novidade em nossa edição” devemos registrar que, segundo a nossa opinião, se faz necessário deslocar o foco da atenção do debate crítico com Feuerbach para o debate com Stirner. Porque Marx e Engels investiram a maior parte de tempo nesse debate. Esse debate foi, de fato, terminado. Marx e Engels queriam, ao menos, publicá-lo na forma fragmentária que chegou até nós. Esses textos foram aqueles que receberam o *imprimatur* de Marx e Engels em oposição aos textos que se encontram nos manuscritos para o capítulo de Feuerbach.

Dr. Hubmann: Parte do manuscrito de Feuerbach pertence originalmente à parte dedicada a Stirner.

Dr. Pagel: Dois terços das páginas transmitidas do manuscrito de Feuerbach se originaram do embate com Stirner. Nosso trabalho editorial demonstrou até mesmo que o texto sobre Feuerbach não é propriamente um texto próprio e genuíno, que teria sido escrito no debate com Feuerbach; mas, de longe, a maior parte desses textos surge do desdobramento de outros manuscritos e

até mesmo de outros contextos conceituais. Estamos falando principalmente do convoluto, o manuscrito H⁵ da nossa edição, que são partes de textos que foram escritas no debate com Bauer e principalmente com Stirner. Isto significa, contudo, que quando se leva a sério a abordagem filológica da edição histórico-crítica, então esses textos, que foram sempre editados primeiro, somente são, na verdade, compreendidos de forma adequada a partir dos outros textos. Isso talvez também demonstre como era importante passar pelo complexo inteiro dos manuscritos da “Ideologia alemã” e editá-los, para, assim, se chegar principalmente a um embate correto e factual com os manuscritos sobre Feuerbach. Por fim, isto mostra porque a apresentação do processo de redação, à qual nós concedemos um enorme espaço na introdução editorial do volume I/5, é tão importante, pois pode-se hoje em dia compreender e acompanhar ao menos alguns passos do desenvolvimento, e pode-se mostrar dentro de qual contexto de redação os pensamentos de Marx e Engels foram se desenvolvendo, e a partir da cronologia relativa do manuscrito de Stirner, pode-se compreender quando eles desenvolveram o conceito de ideologia, quando desenvolveram o conceito de pequeno burguês. Esses conceitos foram tão importantes para Marx e Engels que eles quiseram deslocá-los para um capítulo próprio; porém isso não ocorreu. Por isso, a versão mais madura se encontra na introdução ao socialismo verdadeiro e nos manuscritos sobre Stirner, e não lá, onde se supõe, no capítulo sobre Feuerbach.

Dr. Hubmann: Na linguagem corrente a “Ideologia alemã” é frequentemente sinônimo de manuscritos de Feuerbach. Porém, esse não é o caso. Na tradição editorial, no entanto, isso aconteceu muitas vezes. Por exemplo, a nova edição, a revisão de texto publicada aqui no ocidente na “Deutsche Zeitschrift für Philosophie” por Inge Taubert² em 1967 reunia mais uma vez só as partes de Feuerbach, reimpressas, e assim também no Probeband³ [1972] e no *Marx-Engels-Jahrbuch 2003*.⁴

Ideologia alemã como uma obra, Ideologia alemã como uma revista trimestral

Dr. Hubmann: Então, o que há de novidade: as pessoas precisam saber não só que a “Ideologia alemã” não é uma obra, mas também que quando Marx – e o problema surge disto – em poucas ocasiões fala sobre a “Ideologia alemã”, então nós não sabemos o que ele quer dizer com isso. Este é o problema. Não sabemos o que ele quer dizer. A partir disso se esclarece por que de todas as edições da “Ideologia alemã” publicadas em língua original no século XX, no total são aproximadamente oito, nenhuma delas seja idêntica. Porque ainda não se sabe de que

2 Na época, com o nome de solteira de Inge Tilhein. Cf. *Deutsche Zeitschrift für Philosophie*, Volume 4, Abril de 1966 e *Deutsche Zeitschrift für Philosophie*, Volume 10, outubro de 1966.

3 MARX, K., ENGELS, F. *Gesamtausgabe (MEGA). Editionsgrundsätze und Probestücke*. Berlin: Dietz Verlag, 1972.

4 MARX, K., ENGELS, F. WEYDEMEYER, J. *Die Deutsche Ideologie. Artikel, Druckvorlagen, Entwürfe, Reinschriftenfragment und Notizen zu I. Feuerbach und II. Sankt Bruno*. (Bearbeitet von Inge Taubert und Hans Pelger, Unter Mitwirkung von Margret Dietzen, Gerald Hubmann und Claudia Reichel). (MARX-ENGELS-JAHRBUCH 2003). Berlin: Akademie Verlag GmbH, 2004.

se tratava de decisões do editor o que seria incorporado em cada edição e como esse material seria ordenado. O que precisa ficar claro é: a novidade da nossa edição, e por meio disso ela se diferencia de todas as outras anteriores, é que não editamos a “Ideologia alemã” como se fosse uma obra, mas simplesmente editamos todos os manuscritos, que nós temos, conhecemos e que pertençam a esse conjunto – todos esses manuscritos foram editados em um volume, como manuscritos separados, em sua forma autêntica como manuscritos individuais, e não mais como capítulos de uma obra. Essa é uma novidade. A edição de manuscritos separados foi empreendida pela primeira vez por Inge Taubert no *Marx-Engels-Jahrbuch 2003*. Sob esse aspecto o *Jahrbuch* é um ponto de referência, mesmo que para poucos manuscritos. Nós editamos de modo histórico e crítico agora pela primeira vez todos os manuscritos em uma forma autêntica. Isto é a primeira novidade. A segunda novidade é que nós podemos agora avaliar esse conjunto de manuscritos em sua totalidade de uma forma diferente. Sabemos que não deveria se tratar originalmente de uma obra, mas de uma revista trimestral de Marx e Engels com outros editores. Essa é a segunda novidade. Houve tentativas posteriores de se publicar o material de Marx e Engels em um volume duplo ou único, mas apenas após o fracasso do projeto de uma revista trimestral. Originalmente não se tratava – e isso é decisivo – de que Marx e Engels queriam escrever uma obra, na qual eles gostariam de fundar o materialismo histórico. Essa é uma forma de leitura marxista. Na verdade, se trata de um projeto de um debate crítico do discurso contemporâneo, no qual eles com

outros autores conjuntamente queriam interferir. Essa hipótese é de que na verdade os manuscritos pertencem ao contexto de uma revista trimestral. Essa hipótese existe faz tempo, e ela foi defendida pela primeira vez por Galina Golovina.⁵ Novo em nossa edição é o fato de que pudemos comprovar de forma muito satisfatória a tese de Golovina. Ela se apoiou na troca de cartas preparadas por ela e que foram primeiramente publicadas na MEGA.⁶ Essa hipótese, que já estava então construída de forma evidente, foi comprovada no contexto de nosso trabalho na medida que achamos claramente materiais de outros autores que foram editados por Marx e Engels, que fornecerem um início e um fim em vistas de ordenar esses textos no contexto dos manuscritos da “Ideologia alemã”. E, com isso, é claramente – em sentido forte – demonstrado, que com efeito se tratava de uma revista trimestral. Esses dois fatores eu consideraria como os mais importantes: de um lado, o projeto de uma revista trimestral; de outro lado, a fragmentariedade do conjunto, de que não se trata de um projeto de obra. Nós, pela primeira vez, reunimos os manuscritos que pertencem a esse complexo.

Dr. Pagel: Essa situação descrita por Gerald Hubmann torna a conversa sobre uma obra um assunto difícil. Para apresentar de forma esquemática e telegráfica, por um longo período considerou-se o surgimento da “Ideologia alemã” como um processo

5 GOLOWINA, G. “Das Projekt der Vierteljahrsschrift von 1845/1846. Zu den ursprünglichen Publikationsplanen der Manuskripte der ‘Deutschen Ideologie’”. *Marx-Engels-Jahrbuch* 3, p. 260-274, 1980.

6 Cf. MARX, K., ENGELS. *Gesamtausgabe. Dritte Abteilung. Briefwechsel bis April 1846*. Band 1. Berlin: Dietz Verlag, 1975. MARX, K., ENGELS. *Gesamtausgabe. Dritte Abteilung. Briefwechsel Mai 1846 bis Dezember 1848*. Band 2. Berlin: Dietz Verlag, 1979.

cujo início foram as “Teses ad Feuerbach”, nas quais se acharia o núcleo genial de uma nova concepção de mundo. Então, imaginou-se que Marx e Engels teriam se reunido em Bruxelas para elaborar conjuntamente os fundamentos do materialismo histórico e que eles queriam publicar esses fundamentos em uma obra. Era frequente a noção, anterior a Galina Golovina, de que esses dois projetos foram conduzidos de forma paralela, nomeadamente um projeto da revista trimestral e um outro, a obra “Ideologia alemã”, na qual se desejaria apresentar os fundamentos do materialismo histórico. O que Golovina mostrou foi que ambos os projetos eram idênticos. Ela pôde mostrar isso, porque ela editara pela primeira vez de forma integral a troca de cartas de Marx e Engels. Agora, nós consideramos, então, a consequência dessa tese na edição dos manuscritos. A diferença de edições se fundamenta no conhecimento do processo de redação. Quando se parte do pressuposto de que havia uma obra, de que Marx e Engels desde o início queriam escrever uma obra, então imagina-se que eles se sentaram, pensaram uma estrutura, os pontos principais e trabalharam no conjunto. Porém, não foi dessa forma que os manuscritos surgiram, os manuscritos que foram transmitidos até nós. Eles, antes de tudo, se originaram em diferentes contextos. Trata-se quase de um processo orgânico que se desenvolve e se modifica.

Olavo: Em comparação com outros manuscritos, tais como os Manuscritos de 1844 ou os Grundrisse, a “Ideologia alemã” não tem um começo ou fim muito claro. Os manuscritos foram retrabalha-

“A ‘Ideologia alemã’ não é um livro”

dos inúmeras vezes. Podemos dizer que a “Ideologia alemã” não é um simples conjunto de manuscritos, mas tampouco é uma obra?

Dr. Pagel: Ela é mais do que um manuscrito. Há uma conexão entre os manuscritos. Mas ela é menos de do que uma obra elaborada de forma consequente.

Novas abordagens possíveis a partir da MEGA-2 I/5

Dr. Pagel: O que se tornou agora possível e que eu, em alguma medida, fiz no meu doutorado,⁷ é um novo tipo de leitura que se oferece para esses manuscritos. A partir do uso do aparato de variantes pode-se ler o manuscrito de uma forma em que é possível observar o contexto de desenvolvimento do conceito de “ideologia”, por exemplo. Assim como onde se introduziu o conceito de “pequena burguesia”. A partir da cronologia total dos manuscritos podemos determinar a cronologia relativa de desenvolvimento dos conceitos. Com nossa edição, pode-se observar o processo de pensamento de Marx e Engels.

Dr. Hubmann: Pode-se agora trabalhar de uma forma realmente nova com os materiais, na medida em que a genealogia [dos conceitos] está disponível. Em edições anteriores, nas quais basicamente havia a parte sobre Feuerbach, o materialismo histórico sempre foi apresentado como terminado. Nesses textos, partes suprimidas foram incluídas no próprio texto, foram reunidos inícios de capítulo – tratava-se realmente de uma compila-

7 O doutorado de Pagel defendido em 2015 foi publicado em livro: PAGEL, U. *Der Einzige und die Deutsche Ideologie Transformationen des aufklärerischen Diskurses im Vormärz* (Berlin/Boston: Walter de Gruyter GmbH, 2020, p. 690.)

ção de textos, que até a pouco líamos. Agora temos os fragmentos individualizados. É, em uma primeira leitura, um pouco desconfortável para ler, já que existem três inícios de capítulo, no lugar de um só. Porém, na verdade, não temos apenas um [novo] entendimento do desenvolvimento do pensamento e de conceitos, mas também temos uma outra consistência no pensamento de Marx e Engels, que neste mesmo momento se mostra. Nas edições anteriores, segundo minha leitura, essa consistência estava totalmente indeterminada. Na medida em que, nessas edições, se apresentava que Marx e Engels, primeiro, desenvolveram o materialismo histórico e, então, comprovaram a invalidade de toda filosofia, para, em seguida, em mais de 100 páginas se ocupar exatamente dessa mesma filosofia. Isso é totalmente implausível. Contudo, quando você olha no novo volume e observa a cronologia e os fragmentos, então é possível observar que cronologicamente primeiro foram conduzidos os debates críticos com Bruno Bauer e com Max Stirner, e que no contexto da crítica a Stirner surge naturalmente um afastamento de Stirner, mas também de Feuerbach, e o conceito de ideologia surge neste contexto. Marx e Engels decidem: precisamos separar esse pedaço com pensamentos próprios, e a partir disso construir um capítulo próprio [sobre Feuerbach], que eles nunca terminaram. Porém, quando se sabe essa cronologia, então se torna claro por que Marx e Engels escreveram vários inícios de capítulo e nunca os terminaram, pois eles, a saber, estavam confrontados com o dilema de que agora eles deveriam desenvolver uma filosofia própria, algo que eles, na verdade, não podiam e não queriam. Essa é a problemática que se pode observar de uma forma pre-

cisa. Onde eles exercem a crítica, eles não podem mais incluir uma filosofia própria, o manuscrito se interrompe, e isso é absolutamente consequente. Ao mesmo tempo, encontram-se fragmentos, formulações, que aparecem posteriormente no *Manifesto*, e pouco depois, pois exatamente o trabalho nesses manuscritos durou até meados de 1847 e não até junho de 1846, como anteriormente sempre se supôs. Isso significa, e isso é agora um pouco minha interpretação que eu gostaria de separar dos achados filológicos, que a filosofia não pode mais ser formulada de forma positiva, mas só pode ser formulada como crítica. Marx e Engels abandonam aqui a filosofia, eles não fundam uma nova doutrina. Ao menos essa seria minha leitura do manuscrito.

Olavo: O que podemos fazer com a recepção anterior desses manuscritos? Em geral, essa recepção concedeu uma atenção especial ao capítulo de Feuerbach. O que podemos salvar dela? Devemos de alguma forma deixar de lado a recepção mais antiga?

Dr. Hubmann: Sim e não. Isto depende do ponto de vista. Temos de dizer que, até a menor parte, não trazemos nenhum texto novo em nossa edição. Isso as pessoas também precisam saber. Não se trata de que nós tenhamos publicado textos desconhecidos de Marx e Engels. Na verdade, o que está na base é realmente um material já conhecido. Sob esse ponto de vista, se encontram em nossa edição as citações famosas sobre o ser e a consciência e tudo mais, citações que já eram anteriormente conhecidas. Porém, o material foi apresentado de uma forma realmente diferente daquele costumeira. Por exemplo, a frase

sobre o ser e a consciência está num fragmento de duas páginas muito posterior, que imediatamente é interrompido. Ele se interrompe, porque Marx e Engels queriam desenvolver ali de forma positiva uma filosofia, algo que eles, na verdade, não podiam mais. É um fragmento que se localiza mais ou menos ao final do trabalho, ele não está ali onde normalmente aparece nas edições normais, bem no início da “Ideologia alemã”, na forma de uma afirmação programática. Isto é, há outras passagens que, na nossa edição, não estão mais no texto. Elas se encontram tão somente nas variantes, pois são, a saber, coisas que Marx e Engels corrigiram, que eles riscaram – passagem que em outras edições se encontram frequente e simplesmente adicionadas no texto. As pessoas precisam saber que as edições até então – e isto não é uma acusação moralista, mas sim um simples fato – apresentavam uma compilação, na qual os materiais eram ordenados. Quando se usam edições antigas, simplesmente é preciso saber que não se pode ter certeza de que as coisas são assim, que estão realmente daquele jeito nos manuscritos de Marx e Engels. Seria importante aqui dizer que a primeira MEGA⁸ tem um grande mérito, isto é, de apresentar pela primeira vez esse material. A primeira MEGA não é, com isso, desvalorizada com nossa edição. Porém, se torna agora claro que ela contribuiu de uma forma muito diferente. Havia essas afirmações de Marx e Engels: há uma “ideologia alemã”, então as pessoas passaram a procurar esse material e tentaram, desse ponto de vista, – e isso é relatado de forma fiel na primeira MEGA – reconstruir o materialismo

8 MARX, K., ENGELS, F. *Historisch-kritische Gesamtausgabe*. MEGA-1 I/5 Berlin: Marx-Engels-Verlag, 1932.

histórico. A filosofia do materialismo histórico foi aqui reconstruída e com essa alegação se organizou o material. Isso é dito de forma muito franca pelos editores. Pode-se observar na primeira MEGA o caráter de colagem, na medida que ainda era indicada a paginação dos manuscritos no texto editado, da página 13 se seguia a página 63. Podia-se ver isso e era algo sabido, não se escondeu. Os editores diziam: “nós queremos terminar aquilo que Marx e Engels não puderam mais fazer”. Não é algo errado o que foi feito ali. Trata-se de uma outra reinvidicação, de uma outra abordagem. Enquanto nossa abordagem foi editar da forma mais autêntica possível e puramente filológica o material. Aquela outra abordagem foi moldada pelo desejo de reconstruir uma filosofia. Mas a partir desta primeira publicação na primeira MEGA, se seguiu em edições posteriores um cânon ou dogma. Nas edições posteriores se abandonou a indicação de paginação [das folhas manuscritas], foram introduzidos subtítulos que não eram de forma alguma de Marx e Engels, se transmitiu um capítulo inteiro como uma espécie de obra, enquanto na primeira MEGA era reconhecível que tudo aquilo eram acréscimos editoriais.

Dr. Pagel: O debate crítico com Feuerbach é e permanece um tema emocionante, eu ainda diria. Com nossa edição são esclarecidas de uma outra forma as etapas desse embate, ou, são delimitadas de outra forma. A *Sagrada família* é ainda um escrito de defesa de Feuerbach, no qual Marx e Engels, de forma inequívoca, tentam nos debates entre Bauer e Feuerbach extrair uma posição em favor de Feuerbach. Essa obra apareceu ao final de fevereiro de 1845, isto é, não muito antes da “Ideologia alemã”. Nela, eles se referem a si mesmos, com efeito, como partidários

de Feuerbach. É possível determinar um primeiro distanciamento em relação a Feuerbach com as *Teses ad Feuerbach*, de Marx, que são do início de 1845. Não se pode, contudo, esquecer que ainda no verão apareceu um texto de uma crítica a uma resenha sobre Feuerbach por Stirner, na qual ele [Feuerbach] pela primeira vez se descreve publicamente como comunista. Um passo pelo qual Marx e Engels esperaram por muito tempo, e para o qual Feuerbach foi pressionado por eles. Esse texto é do verão de 1845. Isto significa que, na verdade, não era fácil agora para Marx e Engels tomar um distanciamento público de Feuerbach. Então, eles queriam tomar uma [nova] posição frente a Bauer - em relação à réplica escrita por Bauer aos seus ataques na *Sagrada família*.⁹ Eles percebem que não podem mais defender aquilo que Feuerbach escrevera; mas antes, eles também desejavam cuidadosamente tomar uma posição em relação a Feuerbach. Feuerbach se mantém, contudo, em uma posição especial para Marx e Engels. Ele não é ocultado por ambos. Mesmo quando ele conjuntamente com Stirner e Bauer é nomeado como uma parte da filosofia, como uma parte do debate crítico nos manuscritos da “Ideologia alemã”, nunca é descrito como “São Ludwig” ou algo assim. Não há nenhuma polêmica pura com ele. Isto é, eles desejavam manter uma certa distância, agora a pergunta sobre “como eles se posicionam publicamente frente a Feuerbach” é também para Marx e Engels uma pergunta difícil, pois Feuerbach dispunha de um reconhecimento muito grande entre os socialistas alemães e comunistas como o filósofo

⁹ O que deu início aos primeiros textos que seriam reunidos sob o título “Ideologia alemã” foi a reação de Marx e Engels a uma crítica de Bauer a seus ataques na *Sagrada família*.

que produzira os fundamentos para o comunismo. E só no contexto deste debate crítico muito detalhado e intensivo conduzido contra Stirner que a distância em relação a Feuerbach se tornou tão grande que eles começaram efetivamente a também a se posicionar frente a Feuerbach de maneira crítica. Porém mesmo nesta crítica, que eles ainda mantenham uma certa ligação com Feuerbach, isso se mostra precisamente na construção do capítulo de Feuerbach. Pois esse capítulo não deveria apresentar somente uma crítica a Feuerbach, mas também uma ligação entre a apresentação de seu próprio ponto de vista *com* uma crítica a Feuerbach. Isso é mais do que eles estavam dispostos a conceder a Bauer e Stirner.

Olavo: Como foi a recepção desse novo volume pelos especialistas?

Dr. Pagel: Por parte dos especialistas aconteceu uma recepção e um debate com a edição muito intensos. Quanto ao público mais amplo pode ser que demore um pouco mais até chegar neles. Na verdade, o tom de parte preponderante das resenhas do mundo acadêmico foi positivo. Também chega até nós frequentemente afirmações, a esse respeito, de que com nossa edição foi possível resolver determinadas contradições internas pela primeira vez, que não é mais necessário fazer um complicado caminho argumentativo ou interpretativo, mas que essas contradições se resolvem a partir da cronologia, como passos de desenvolvimento diferentes. Esses foram, por exemplo, resultados que essa edição

permite alcançar. Por isso eu diria que a recepção no mundo acadêmico alemão foi, com efeito, muito positiva e bastante ampla.

Dr. Hubmann: Foi bem-recebido o fato de que agora esse importante complexo de textos da obra inicial de Marx está disponível a um amplo público. Nós temos agora a primeira edição de estudos¹⁰ que provém desta nova base textual e, então, a médio prazo essa nova edição vai se impor no ensino e para um público amplo. Porém, o que ainda precisa ser dito é que o volume despertou um enorme interesse até mesmo internacionalmente e que foi muito bem recebido. Parte já foi traduzida no Japão. Lá esse problema e esse tema despertam muito interesse. Esta temática “Ideologia alemã” tem um grande valor no Japão. Mesmo que lá haja uma opinião um pouco diferente de como o texto deveria ser preparado e como o texto deveria ser apresentado. Há evidentemente um interesse aqui na Europa. Há na França uma primeira tradução parcial deste manuscrito. Inclusive no Brasil já há, faz alguns anos, um grande interesse. Há uma edição excelente no Brasil, que não parte totalmente dos novos resultados. A tradução de Rubens Enderle. Além disso, deve-se citar a China, ali há naturalmente um debate e uma recepção intensas. A nova edição despertou um grande interesse lá. Essa edição levou certamente também a comentários críticos, porque na China a “Ideologia alemã” tinha assim como antes um status de uma obra dogmática fundamental. Lá essa nova visão e

10 MARX, K.; ENGELS, F. *Deutsche Ideologie: Zur Kritik der Philosophie. Manuskripte in Chronologischer Anordnung*. Ed. Gerald Hubmann e Ulrich Pagel. Berlin: De Gruyter, 2018. Confira também: HUBMANN, Gerald; PAGEL, Ulrich. “Introdução (editorial) da Ideologia Alemã – Para a crítica da filosofia”. Trad. Olavo Ximenes. *Dissonância: Revista de Teoria Crítica*, v.2 n.2, 2º semestre de 2018, pp. 334-360.

“A ‘Ideologia alemã’ não é um livro”

a nova apresentação dos manuscritos causaram dificuldades. Porém, isso foi discutido e, penso, o ponto mais importante é que esse debate foi bem-recebido. Tivemos que dar muitas entrevistas por lá, tivemos de dar vários esclarecimentos responder muitas perguntas, mas eu considero isso muito interessante e positivo. Nós tivemos, por fim, em todos os continentes, na verdade, a recepção que era apropriada, e que nós tínhamos desejado.

Olavo: Voltemos aos temas do novo volume. É claro que não é possível ordenar de formar cronológica os manuscritos da “Ideologia alemã” sem produzir outros problemas. E no caso da revista trimestral: por que não se reconstruiu esse projeto?

Dr. Pagel: Uma ordenação cronológica dos manuscritos é algo muito atraente. Com nossa edição, pôde-se pensar pela primeira vez efetivamente em uma genealogia e cronologia dos manuscritos. Porém, nós na MEGA estamos atrelados a diversos princípios editoriais. E eles não são apenas sobre uma apresentação cronológica, mas também sobre a preservação da unidade do manuscrito. Não podíamos desmanchar o manuscrito em diversas partes, se ele chegou até nós como *um* manuscrito. Uma apresentação puramente cronológica exigiria, contudo, esse expediente. Isso significaria que entraríamos em conflito com outros princípios editoriais da MEGA. O motivo pelo qual nós fizemos a assim chamada por nós de “pequena Ideologia alemã”¹¹ é porque assim estávamos livres dos regulamentos da edição

11 Trata-se da versão de estudos, resumida, selecionada e apresentada em ordem cronológica dos manuscritos da Ideologia alemã. Cf. nota 10.

MEGA, e poderíamos mostrar como uma ordenação cronológica se pareceria. Também precisamos nos perguntar: qual é o objeto de uma cronologia? Trata-se apenas da primeira redação, o primeiro estrato de um manuscrito? Ora, os manuscritos foram divididos em uma coluna da esquerda e uma da direita. Na coluna da esquerda se encontram as primeiras camadas fundamentais do manuscrito, que então frequentemente eram retrabalhadas na coluna da direita. São exemplos. Na coluna esquerda encontra-se sempre o texto básico e na da direita a revisão do manuscrito. Nesta medida, existe naturalmente uma cronologia das camadas fundamentais. Porém, há também naturalmente revisões – o que torna, comparativamente, bem mais complicado apresentar ainda uma cronologia das camadas fundamentais. Mas isso se torna muito difícil, pois de acordo com tudo o que sabemos houve inúmeras fases de revisão e não se pode determinar a qual fase de revisão qual acréscimo subsequente pertence. Isso pôde ser apresentado em alguns casos, porém, não podemos fazer isso, de forma completa, para o conjunto dos manuscritos. Isto é, temos aqui uma cronologia dos acréscimos subsequentes nos manuscritos e, então, temos, por fim, também uma fase posterior de revisões empreendidas por Marx e Engels. Esta é a ordenação dos manuscritos. As pessoas creem que a cronologia significaria que a numeração dos capítulos feita por Marx e Engels poderia e deveria ser ignorada. Não se pode, contudo, contestar, que Marx e Engels decidiram por uma ordenação de seus manuscritos e que essa ordenação contradiz a cronologia do processo de redação. Isto é, todavia, parte da elaboração e do surgimento desses manuscritos. Essa é a vontade final do autor.

Há um segundo [capítulo] “São Bruno” e um terceiro “São Max”. Isto é, nós não poderíamos simplesmente dizer: “bom, porém, o processo de redação nos mostra que esta parte foi escrita muito antes daquela parte”. Trata-se também da ordenação em capítulo, que nós efetivamente encontramos nos manuscritos, e que remonta a Marx e Engels, e que não podemos ignorar. Temos que levar em consideração essa ordenação. Não é que poderíamos ter dito: ordenação sistemática do conteúdo aqui, e ordenação cronológica ali. Nenhum dos dois princípios se deixa seguir de forma simplesmente consequente; mas antes, deve-se eleger uma forma mista. Porém, esta ordenação cronológica contradiz outras afirmações determinadas de Marx e Engels.

Dr. Hubmann: A situação é extremamente complicada, e ela não é inequívoca. Não há também decisões corretas ou incorretas, mas só podemos decidir a partir de determinados critérios, que conduzem, por sua vez, a diferentes ordenações. Nossos critérios foram: tornar sobretudo transparente a problemática. Por isso, citamos em uma nota de rodapé a ordenação cronológica, como ela se pareceria. Nós chegamos a escrever: há título de capítulo, há mudanças do material, tudo aquilo nos critérios da MEGA. Deve-se ter simplesmente em mente essa complexidade toda.

Dr. Pagel: Um exemplo para ilustrar isso. Foi frequentemente sugerido que uma ordenação cronológica seria mais fácil para o leitor. Isto teria a grande vantagem de que certas consequências no desenvolvimento do pensamento seriam mais bem ilustradas. Por outro lado, tem-se o problema, de que Marx e Engels, por exemplo, retomam o que foi escrito antes no manuscrito de Stirner. Lê-se nele alguns “veja acima”. Se nós fôssemos ordenar

tudo de forma cronológica, então o sentido se inverteria, então o “veja acima” se referiria a algo que viria depois. Teríamos que alterar cada referência. Teríamos então que fazer referências complicadas para explicar por que o “veja acima” não está no começo, mas no fim da nossa edição.

Dr. Hubmann: Em relação à segunda parte da sua questão sobre o porquê de nós não termos reconstruído a revista trimestral. Isso ocorre porque nossa tarefa é uma edição dos textos de Marx e Engels, em relação ao projeto “Ideologia alemã”. Nós não podíamos simplesmente reconstruir a revista trimestral. Nossa tarefa era a edição desses textos e não a reconstrução de uma revista. Pois isso se tratou apenas de um projeto, foi apenas um plano. Nós informamos, contudo, na introdução quais autores e textos tomariam parte desse projeto. E isto é também uma possibilidade que agora se abre para que outros possam reconstruir esse projeto. Não se podia, porém, fazer essa reconstrução dentro da MEGA.

Dr. Pagel: Eu considero como um projeto atraente reconstruir a revista trimestral. Isso não aconteceria sem lacunas. Há textos que simplesmente não foram transmitidos. Há o texto de [Karl Ludwig] Bernay, para qual há extratos. Isso seria interessante. O grande problema na reconstrução da revista trimestral seria que o fim da revista não interrompe o trabalho nos manuscritos. Nós teríamos que fazer quase um corte na elaboração que Marx e Engels empreenderam nos manuscritos. Para ilustrar com um exemplo, algo que é reproduzido pela primeira vez no nosso volume em relação a todas as outras edições da “Ideologia alemã” são, de fato, as extensas indicações marginais ao manus-

crita de Stirner.¹² De acordo com o que sabemos, essas indicações foram feitas no momento que não havia mais conversa sobre uma revista trimestral. Isto significaria que essas indicações não poderiam ser assimiladas [na reconstrução da revista]. Esse é apenas um exemplo. Também para algumas variantes não podemos decidir inequivocamente se elas ocorreram antes do fim do projeto de uma revista ou após. Isto é, seria mais ou menos arbitrário [determinar] o que seria ainda parte do manuscrito e o que não seria. Um dos textos mais belos e famosos, aquele do prefácio de Marx, não poderia ser incluído, pois ele não tinha sido escrito para a revista. Isto mostra que apesar de ser um projeto atraente esse de reconstruir e de editar a revista trimestral, ele não levaria em conta o conjunto do contexto de trabalho redacional nos manuscritos. E esse era nosso objetivo: reconstruir o conjunto de contextos de trabalho nos manuscritos. Posso acrescentar uma anedota humorística? É interessante que as edições anteriores, exatamente as edições que tentavam editar a “Ideologia alemã” como se fosse uma obra, sempre escolhiam o verão de 1846 para afirmar que “esse é o momento no qual a obra ‘Ideologia alemã’ teria tomado sua forma final”. Exatamente nesse momento, contudo, Marx e Engels não pensavam em publicar isso absolutamente como uma obra, mas como uma revista trimestral. Essas edições juntaram um título posterior de Marx para uma obra com o plano de uma revista trimestral e afirmaram: “aqui temos a obra”. E tudo aquilo que viria depois [do verão de 1846] não teria nenhuma relação com a obra “Ideologia alemã”. Isso é talvez realmente uma ironia da história que todos

12 Cf. MEGA-2 I/5 (Apparat, p. 1061 e p. 1073-4).

aqueles que sempre tentaram reconstruir uma obra, o que eles fizeram foi, na verdade, reconstruir a revista trimestral, exceto que eles nunca falaram disso, que isso era uma revista trimestral e que eles deixaram de lado as contribuições de outros autores.

Olavo: Como vocês chegaram à decisão de publicar uma parte dos manuscritos em ordem cronológica?

Dr. Hubmann: Nós tivemos a oportunidade, que se apresentou no ano do jubileu de Marx, de preparar alguma coisa. Aproveitamo-la para organizar uma edição pequena com os principais textos. A saber, a chamada “pequena ideologia alemã”. Esse livro foi pensado como um escrito para o aniversário, ela se apresentou sob uma concepção e feitura bibliófila. Porém, essa edição também agora está sendo utilizada na universidade, já que os estudos – assim como antes – ainda se concentram em Feuerbach, e nessa edição se encontram de fato partes do texto de Feuerbach. E, nesse ponto, ela é uma edição compacta da “Ideologia alemã” com textos importantes. Nela nós fizemos um arranjo cronológico em vistas de que com esse arranjo se pudesse acompanhar muito bem a genealogia e a gênese da formação de conceitos. Sob esse aspecto, a “pequena ideologia alemã” é incompleta já que tivemos que integrar partes do manuscrito de Stirner no manuscrito de Feuerbach – e naturalmente não pudemos fazer isso com o texto integral –, mas somente retiramos fragmentos do manuscrito de Stirner. Nós fizemos essa seleção [de textos dos manuscritos] observando os conceitos importantes, para que agora se possa acompanhar seus

surgimentos. Nós não antecipamos isso, mas a “pequena ideologia alemã” foi recebida com grande animação pelo público

Dr. Pagel: Para além de questões sobre o conteúdo, pode-se dizer que a “pequena ideologia alemã” tem diferentes vantagens frente a MEGA. A primeira é, antes de tudo, que ela é acessível para aqueles que não querem ter o trabalho de se ocupar da MEGA. As consequências de nosso trabalho editorial se condensam ali. Nós também nos concentramos em uma seleção das variantes. Chegamos a essa seleção para ilustrar que tipo de interesse haveria em se lidar com o aparato de variantes da MEGA, que é tão extenso quanto o próprio texto. Se alguém não se interessar pelo conjunto do aparato da MEGA, então esse é um bom acesso à “Ideologia alemã”. Aquele que quiser se aprofundar ainda mais, esse pode então depois partir para o volume da MEGA.

Sobre o volume I/5 (Ideologia alemã) da primeira MEGA (1932) e o volume 3 da MEW (1958) da Ideologia alemã.

Dr. Pagel: No volume da primeira MEGA há um aparato crítico que não se deve subestimar, que reproduz as consequências do trabalho editorial nos anos de 1920-1930. Deve-se, assim como antes, ter um grande respeito por essa edição da primeira MEGA, pois eles não decifraram os manuscritos a partir dos originais, mas sim a partir de cópias feitas entre 1923-1924, e eu posso te mostrar o péssimo estado delas em relação aos manuscritos mesmo. A MEGA, entre todas as tentativas, deve ser vista como um importante marco da edição filológica. Tudo o que veio

depois não fez progressos sob o ponto de vista filológico, mas antes era um retrocesso, uma tentativa de esconder ou de reduzir a fragmentariedade da obra, o seu caráter fragmentário. E de apresentar o estado dos manuscritos como um mais maduro do que de fato está presente nos manuscritos.

Dr. Hubmann: Há ainda uma grande diferença entre a MEW¹³ e a MEGA segundo a paginação, que falta na MEW e em relação aos subtítulos e assim por diante. Na primeira MEGA lidou-se precisamente com o problema. Não só acompanhou um aparato crítico, mas também foi descrito precisamente que “nós só temos fragmentos”, “nós os reunimos de acordo com a reconstrução”. Enquanto na MEW, ao contrário, acompanha um prefácio que afirma “aqui nós temos a obra na qual Marx e Engels formularam definitivamente o materialismo histórico”. Essa é também uma diferença. Aqui no ocidente a MEW por causa de suas tiragens na casa dos milhares teve uma influência impressionante na recepção, e seu objetivo era esconder o caráter fragmentário. Esse não é de forma alguma o caso na primeira MEGA.

Siegfried Bahne e a descoberta de folhas do manuscrito da “Ideologia alemã”

Dr. Pagel: O volume 3 da MEW apareceu nos anos 1950 e o que é interessante é que essa noção [de uma obra “Ideologia alemã”] já tinha sido fortemente atingida a partir de 1962, pois nesse ano Siegfried Bahne tinha publicado três folhas manuscritas que pertenciam ao espólio de Bernstein. Eram três folhas manuscritas,

13 MARX, K., ENGELS, F. *Marx Engels Werke*. Band 3. Berlin: Dietz Verlag, 1958.

seis páginas ao todo, que Siegfried Bahne pôde relacionar ao contexto da “Ideologia alemã”. Duas dessas folhas pertenciam aos manuscritos de Feuerbach, uma folha pertencia ao de Stirner. Do ponto de vista do conteúdo, essas folhas manuscritas não são inovadoras, mas elas alteram o olhar no capítulo de Feuerbach. Com isso ficou claro e assim pela primeira vez muitas pessoas se tornaram conscientes do quão fragmentário era esse capítulo e o quão fortes foram as intervenções dos editores da primeira MEGA e da MEW para construir um capítulo de Feuerbach mais coerente possível. Assim tinham-se essas folhas que não se deixavam simplesmente acrescentar ao texto, a esse texto que não era de Marx e Engels, mas antes tinha sido montado pelos editores. E a pergunta agora era o que fazer com essas folhas que agora também precisamos publicar, uma vez que elas, sem dúvida, pertencem aos manuscritos do capítulo de Feuerbach. Isso levou a uma verdadeira inundação de novas edições do capítulo de Feuerbach, primeiro em russo e depois em alemão. Foco aqui na edição alemã. Essa foi feita na “Deutsche Zeitschrift für Philosophie”, em 1966, e depois, em 1971, houve uma edição de estudo na Alemanha ocidental. Em seguida, surgiu a Proband, de 1972, e alguns anos depois a edição de Hiromatsu no Japão.

A recepção política da “Ideologia alemã”

Dr. Hubmann: Não se pode compreender de forma alguma a “Ideologia alemã”, suas publicações e sua recepção no século XX sem a história política. Há, por assim dizer, dois pontos de transição. Um é [a descoberta de] S. Bahne, pois com isso ficou claro

que de alguma forma toda a dogmática não estava correta. Não há essa obra [Ideologia alemã], pois havia agora essas páginas, que deveriam ser integradas [à obra]. Todos tinham agora um problema. Isso é o primeiro ponto, e eu considero muito revelador o que aconteceu. Foi feita uma nova edição na “Deutsche Zeitschrift für Philosophie” sem qualquer introdução que esclarecesse o que havia nessas páginas, o que isso tudo significava. Toda pesquisa oriental de Marx não era editorial, se tratava mais de uma ideologia. Esse problema sempre esteve presente, pois eles deixaram de lado na MEW as primeiras obras filosóficas de Marx. Mesmo que no mundo ocidental inteiro se encontrassem esses escritos. Eles tinham um problema e por isso precisaram fazer os volumes adicionais da MEW, nos quais foram publicadas essas obras iniciais. Aqui, com o incrível volume 3 da MEW, eles têm o problema do que fazer com a descoberta de Bahne. Assim, essa descoberta não foi avaliada ou interpretada de alguma forma, ela foi escondida na “Deutsche Zeitschrift für Philosophie”. Agora, o Proband, que é filologicamente correto, se concentrou apenas no capítulo de Feuerbach e em mais nada. Tudo isso estava sob responsabilidade de Taubert. Dois anos atrás nós editamos um *Marx-Engels-Jahrbuch* dedicado à “Ideologia alemã”.¹⁴ Ali eu citei o fato de que Taubert, ainda em 1989 ou nos anos 1990, dizia que “se tudo tiver que ser assim, não pode surgir absolutamente nenhuma dúvida de que nós apresentamos a ‘Ideologia alemã’ como uma obra”, ela disse isso, e eu a citei. Eu a

14 GRAßMANN, T., HUBMANN, G. (org.) *Marx-Engels-Jahrbuch* 2017/18. Amsterdam: Internationalen Marx-Engels-Stiftung; Berlin: Walter de Gruyter GmbH, 2018. ISSN: 2192-8207.

conheci, e fiz com ela o *Jahrbuch* de 2003¹⁵. É difícil imaginar hoje em dia o quão carregado ideologicamente o ambiente estava. Era para ela indizível que aquilo não deveria ser publicado como obra. Ela não podia conviver com esse pensamento. Essa era a minha impressão. Assim, essa politização inacreditável que esse texto sofreu, nós não podemos mais compreender. Neste contexto todo, deve se refletir sobre a história de Golovina. A MEGA [2] foi [re]estabelecida; em 1975 aparecem os primeiros novos volumes de obras e paralelamente os primeiros volumes de cartas. O trabalho no volume de cartas, esse material mostra que não há uma confusão, mas que o projeto de revista e a “ideologia alemã” são uma e a única coisa. Quem descobre isso é uma jovem colega de Moscou. Só que o chefe geral em Moscou, Georgi Bagaturia, fez um doutorado sobre a “Ideologia alemã” e ele acreditava que sabia tudo sobre a “Ideologia alemã”, e que entendia Marx melhor do que si mesmo. Eu sei disso, pois ele mesmo me disse isso. Ele era o chefe lá. Pois, então, chega uma jovem colega e diz: “isso não era uma obra de forma alguma, eles queriam fazer uma revista trimestral”. Fica claro que tipo de problema essa mulher enfrentará. Por um lado, se eles quisessem apenas publicar os volumes da MEGA, então outros leitores certamente chegariam também a essa conclusão. Eles tinham realmente um problema. E ele foi resolvido de uma forma elegante. Permitiu-se que Golovina publicasse sua opinião, primeiro em russo e depois em alemão, e assim, essa tese foi publicada. Certamente, se eles não quisessem, essa tese nunca teria sido publicada. Mas eles queriam isso, pois deviam fazer

15 Com os fragmentos da *Ideologia alemã*.

justiça aos fatos. Porém Golovina, que ainda vive, foi sempre atacada nas décadas seguintes por causa dessa tese. Antigamente era uma tese controversa. A senhora Taubert me dizia: “é naturalmente bobagem a tese de Golovina”. Até o fim, Bagaturia e Taubert, os chefes em Moscou e em Berlim, não podiam acreditar na tese da revista trimestral, mas também não podiam suprimi-la. Finalmente, nós pudemos precisamente comprovar [a tese da revista trimestral de Golovina], não apenas com as cartas, mas também com outros argumentos, e assim ela foi, de alguma forma, reabilitada. Poderia ser feito um pequeno ensaio sobre o tratamento em um sistema totalitário, quando, de repente, a verdade não é mais verdade, porque Bahne achou algumas páginas e, de repente, a própria troca de cartas de Marx e Engels mostra que as coisas eram de outra forma. O que tudo isso significa? Eu diria que filologia, filologia do texto, pode às vezes abalar o sistema político – é isso que se pode extrair disso.

*

Dr. Hubmann: As coisas interessantes são sempre difíceis, pois se deixam dificilmente comprovar. Que Taubert até o fim tenha acreditado na tese de uma obra, para isso há documentos, e eu já os citei. Porém, toda essa situação com Golovina, se trata de coisas que eu naturalmente experimentei subjetivamente nos últimos 22 anos, que não se encontram em documentos ou autos. O que torna difícil para o público brasileiro essa situação é que se teria que ler o artigo de Golovina, os comentários e a introdução da MEGA-Band III/1, e então se teria toda a problemática. Talvez fosse também necessário ver o que Bagaturia escreve no *MEGA-Studien*. É também interessante a terminologia empregada por

“A ‘Ideologia alemã’ não é um livro”

Taubert no *Jahrbuch* de 2003. Ela não fala mais de uma obra. Isso não é mais possível. Mas ela tampouco fala de uma revista trimestral, ela fala de uma publicação em volume duplo. Ela se agarra a essa terminologia.

Gerald Hubmann é germanista e historiador da filosofia, com doutorado pela Universidade de Frankfurt. Ele é dirigente da MEGA, secretário da IMES (Fundação Internacional Marx e Engels), e trabalha na Academia de Ciências de Berlim. Contato: hubmann@bbaw.de

*Ulrich Pagel estudou filosofia e história na Universidade Livre de Berlim, na Universidade Humboldt de Berlim, e também na Sorbonne. Defendeu seu doutorado em Halle. Em 2020 publicou *Der Einzige und die Deutsche Ideologie*. Ele é um dos editores da MEGA e trabalha na Academia de Ciências de Berlim. Contato: pagel@bbaw.de.*

Olavo Ximenes é doutorando em Filosofia pela Unicamp. Contato: oaaximenes@gmail.com.

Entrevista feita em 03/06/2020

Publicada em 01/04/2022